



A casa dos espíritos é o corpo

CIENTISTAS DESCOBREM QUE A IMAGINAÇÃO DE ATOS FUTUROS OU PASSADOS É ACOMPANHADA DE PEQUENAS, MAS CONSISTENTES, INCLINAÇÕES DE POSTURA PARA A FRENTE OU PARA TRÁS

No início dos mistérios humanos, os xamãs sabiam tudo que havia para saber. O conhecimento era uno, indivisível, e a realidade de pensar era amarrada pelas tripas à realidade de ser. Depois do verbo, porém, a consciência se desdobrou. Inventou-se a separação entre corpo e espírito, prevalente em tantas culturas distintas. O corpo, concreto e visível, algo genuinamente nosso, mas frágil e passageiro. O espírito, invisível e sutil, seria longo e viajante, capaz de se comunicar com outros espíritos distantes no tempo e no espaço e de retornar, um dia, para perto do maior de todos os espíritos, soma de tudo que há, Deus.

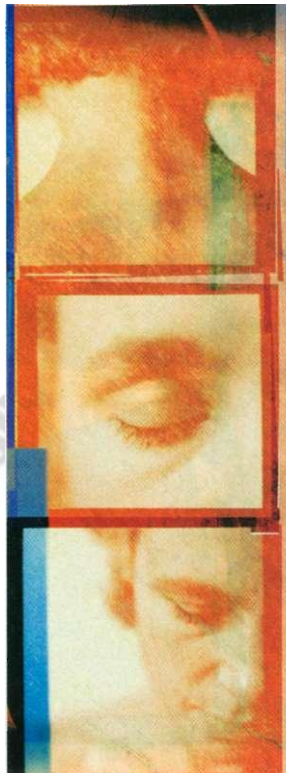
O apartamento dualista entre corpo e espírito, tão aceito pelas religiões, foi atacado pela ciência com a negação da existência de quaisquer espíritos. No lugar de uma entidade exógena cujo substrato material seria algum tipo de éter, cresceu e se impôs ao longo do tempo o conceito de mente. Em vez de uma alma inteligente animando o corpo animal, seríamos apenas uma vasta coleção de processos psicológicos.

Dada a simplicidade da premissa, era de esperar que o dualismo houvesse desaparecido há tempos, desde que o Iluminismo lançou as bases do programa para exterminar Deus e as legiões de espíritos menores. Entretanto, a grande dificuldade de mapear a ponte entre mente e cérebro ressuscitou a velha ideia insidiosamente. Pesquisadores de diferentes campos passaram a professar


a autonomia absoluta de suas especialidades, separando a psique das suas bases biológicas. Fracionado em feudos estanques, o problema da consciência atravessou todo o século XX sem resposta, criando dualismos de fato se não de direito. Psicólogos se recusaram a pesquisar neurônios e moléculas. Bioquímicos menosprezaram conceitos como pensamento, consciência e fé. Neurobiólogos reduziram tudo ao cérebro, separando-o do corpo. Filósofos da mente derivaram sem âncora nas infinitas possibilidades da palavra. Os matemáticos

- topógrafos mentais por excelência - foram morar em uma torre alta de onde não veem nem são vistos. E a literatura, em que tudo pode ser, não pode de fato nada. Nessa Babel de vozes dissonantes por várias gerações ninguém se aventurou a entender a soma das partes.

Felizmente, entretanto, os muros já começaram a ruir. Com o estabe-



lecimento de interfaces tecnológicas e conceituais entre as disciplinas, começamos a engatinhar na direção de uma compreensão unificada do pensamento, retornando ao saber xamânico com as luzes acesas da razão. Muitas descobertas recentes provavelmente não surpreenderiam um sábio de 5 mil anos atrás. Cientistas da Universidade de Aberdeen, na Escócia, publicaram há poucos meses a descoberta de que a imaginação de atos futuros ou passados é acompanhada de pequenas, mas consistentes, inclinações para a frente ou para trás. Portanto,

quando nos projetamos mentalmente no tempo, não é simplesmente o cérebro, mas o corpo inteiro que viaja. Os resultados são mais uma evidência de que as operações mentais guardam correspondência com efeitos somáticos. Parece que a mente está mesmo incorporada na matéria viva de que somos feitos. A casa dos espíritos é o próprio corpo. 

SIDARTA RIBEIRO é neurobiólogo com Ph.D. pela Universidade Rockefeller e pós-doutorado pela Universidade Duke. Atualmente é chefe de laboratório do Instituto Internacional de Neurociências de Natal Edmond e Lily Safra (IINN-ELS) e professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde investiga as bases neurais do aprendizado, comunicação, sono e sonhos.